

Entrevista com o Prof Dr José da Silva Ribeiro

Ana Maria Di Grado Hessel

PUC-SP

Professor José, a ideia de entrevistá-lo surgiu desde 2012 em Barcelona. No segundo Encontro Internacional da Rede Internacional de Grupos de Investigação: Educação e Tecnologia (REGIET). Certamente, os colegas brasileiros e demais leitores precisam conhecer seu trabalho e pesquisa, tendo em vista a oportunidade e a perspectiva de futuras parcerias, além das existentes.

José da Silva Ribeiro¹ nasceu em Celorico de Basto, Portugal, em 1949. Doutor em Ciências Sociais – Antropologia e Mestre em Comunicação Educacional Multimédia pela Universidade Aberta. Licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto. Fez Estudos Superiores em Cinema e Vídeo na Escola Superior Artística do Porto. Professor de Antropologia, Antropologia Vis-

ual, Antropologia Virtual, Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia, Media e mediações culturais e de Cinema. Investigador do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta onde é Responsável pelo Laboratório de Antropologia Visual, do Centro de Comunicação Digital e Pesquisa Partilhada (CEDIPP) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e de outros Centros de Investigação em Portugal e no Brasil. Realiza trabalho de campo em Cabo Verde e nas periferias urbanas de Lisboa e Porto, no Brasil, em Cuba e na Argentina. Coorganizador da Conferência Internacional de Cinema de Viana do Castelo, da Conferência Internacional Variantes Curriculares no Ensino a Distância, do Seminário Internacional Imagens da Cultura / Cultura das Imagens. Coordena-

dor da rede Imagens da Cultura / Cultura das Imagens, participante e membro fundador da Rede Internacional de Grupos de Investigação em Educação e Tecnologia. Professor visitante das Universidades de São Paulo, Presbiteriana Mackenzie, Múrcia e Savoie. Membro do Conselho Editorial das Revistas *Illuminuras: UFRGS²*, *DOC On-Line – Revista Digital de Cinema Documentário - UBI*, *International Journal of Cinema – UA*, *Signos do Consumo – USP*. Coeditor da Revista ICCI – Imagens da Cultura / Cultura das Imagens. Autor e realizador de documentários e produtos multimédia. Publicou vários artigos no âmbito das áreas dos interesses científicos referidas e os livros *Colá S. Jon, Oh Que Sabe, as imagens, as palavras ditas e a escrita de uma experiência social e ritual* (2001) Mé-

todos e técnicas de investigação em Antropologia (2003) *Antropologia Visual da Minúcia do Olhar ao Olhar distanciado* (2004), Co-editor de *Antropologia Visuale Hipermedia* (2007), *Imágenes de la cultura / Cultura de las Imágenes* (2007), *Imagens da Cultura* (2010), *Investigação e variantes curriculares do ensino online: desafios da interculturalidade na Era Tecnológica* (2012), *Antropologia Arte e Sociedade* (2012), *Espaço, Mediação e Comunicação* (2012).

“O percurso individual de qualquer ator social, por mais racional que seja, nunca é um todo coerente mas resultado de uma sequência de acasos”.

1 - Conte a sua história. Penso que as raízes ontológicas são essenciais para a compreensão de seu percurso epistemológico.

Agradeço à *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas* o convite para esta conversa com a professora doutora Ana Maria Di Grado Hessel, a qual partilhamos com os leitores.

O percurso individual de qualquer ator social, por mais racional que seja, nunca é um todo coerente mas resultado de uma sequência de acasos. Nas atividades criativas, como a investigação e o ensino, esta situação é particularmente relevante. Mais ainda em tempo de sociedades e culturas instáveis, *Tempos Líquidos, Vidas frag-*

mentadas, como estas em que vivemos. Os investigadores e docentes para se entenderem a si próprios vão-se tornando antropólogos, sociólogos, psicólogos e historiadores das suas próprias raízes, das suas pesquisas e dos seus percursos a que posteriormente sempre pretendem dar uma coerência epistemológica. É isto mesmo que tentarei fazer nesta conversa e neste processo reflexivo proporcionado pelo convite: identificar situações e realizações concretas do passado e inseri-las numa narrativa construída no presente.

Nasci em 1949, numa região onde os rituais inseridos nas práticas sociais e agrícolas eram particularmente relevantes ou, como diz Jorge Dias - um dos fundadores da antropologia em Portugal -, “tradições de invulgar interesse para a etnografia portuguesa e

para a etnografia em geral” e que ilustram “as teses discutidas por alguns etnógrafos modernos”. O autor fazia esta referência ao estudar as malhas de centeio em Tecla em 1951. Assisti ao desmoronamento destes processos sociais e rituais na década de 1960, com a chegada das máquinas às atividades agrícolas, com a emigração massiva dos jovens para a cidade e para a Europa Central e com a guerra colonial. Nos anos 1970, Ernesto Veiga de Oliveira e Benjamin Enes Pereira, em colaboração com Instituto do Filme Científico de Göttingem, viriam a realizar o filme *Malha em Tecla* (1970), uma reconstituição com os atores destes rituais que faziam parte da minha infância e juventude. Este ritual viria a constituir o tema do meu primeiro trabalho de sociologia, quando frequentava o curso de filosofia na Universidade

Católica Portuguesa com o professor José Maria Cabral Ferreira. Sem qualquer planejamento prévio ou causas que a isso conduzam, estes rituais e os processos migratórios iriam acompanhar-me no percurso acadêmico. Mais tarde o cinema, a antropologia, antropologia visual, o filme científico, o filme etnográfico.

Em abril de 1974, cumpria o serviço militar quando se deu a “revolução dos cravos”. Este período trazia-nos a intensidade da agitação e a esperança desmedida decorrente da mudança política e do fim da ditadura, mas também o início da vida profissional como docente do ensino secundário, gestor escolar, coordenador regional de educação de adultos; mas sobretudo uma ligação mais próxima ao cinema de matriz

etnográfica que se fazia sobre este período liminar da sociedade portuguesa. António Reis e Margarida Cordeiro realizaram em 1976 *Trás-os-Montes*; no mesmo ano, Noémia Delgado realizou *Máscaras* (1976) e Pilhipe Cosntantini, que trabalhou no som deste filme, realizou no ano seguinte *Terra de Abril - Vilar de Perdizes* (1977), filmes que emergem do *Portugal profundo*. As temáticas das mudanças políticas eram também objeto de muitos cineastas que, nesses anos, saíram para as ruas de câmaras nas mãos, filmando e mostrando um país quase encoberto e desconhecido em filmes como *Os Índios da Meia Praia* (1976) de António da Cunha Telles, *Torre Bela* (1977) de Thomas Harlan, recentemente retomado por José Filipe Costa em *Linha*

Vermelha (2011), e muitos outros que animavam os debates juvenis, trazendo a memória dos migrantes ou fixando em imagens os novos países independentes. Foi também o tempo do primeiro encontro com o antropólogo e cineasta francês Jean Rouch, trazido para o Porto por Jacques d'Arthuys, diplomata francês e ex-conselheiro de comunicação do presidente Salvador Allende, então transferido para o Porto. O encontro com Rouch, antes da sua partida para Moçambique, foi retomado nos anos de 1990, quando iniciei o doutoramento e a investigação em Antropologia Visual³. Rouch refere numa entrevista que me concedeu, disponível no portal Lugar do Real⁴,

³ dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4002344.pdf ou www.doc.ubi.pt/03/doc03.pdf

⁴ www.lugardoreal.com/video/jean-rouch-

que é este encontro com Jacques d'Arthuys e a estada no Porto e em Moçambique, onde propôs que os moçambicanos filmassem os acontecimentos do quotidiano para dar testemunho da sua própria realidade que eles conhecem melhor do que ninguém, estão na origem da criação dos *Ateliers Varan* em 1981. Rouch e d'Arthuys criaram então este atelier de formação em cinema documental, cuja pedagogia ainda hoje é seguida e cujo princípio fundamental é o do ensino do cinema a partir da prática.

Nos anos 1980, na Lunda Norte em Angola, confrontei-me com os rituais das populações de migrantes do Sul que vinham trabalhar para as Minas de

[do-filme-etnografico-a-antropologia-visual/](#)

Diamantes; nos anos de 1990 com rituais cabo-verdianos nas periferias de Lisboa – objeto da tese de doutoramento. Na década seguinte, os rituais de congado em Minas Gerais, Rituais de Pallo Monte em Cuba, Candomblé no Brasil, em Montevideu (Ihamadas) e em Buenos Aires constituíram o objeto de pesquisa e de realização de filmes. As imagens e o cinema acompanharam este percurso em Angola, nos bairros periféricos, e nos percursos pela América Latina. Depois do curso de filosofia e da frequência do curso de gestão de empresas, fiz o curso superior de cinema e vídeo, na Escola Superior Artística do Porto, o mestrado em Comunicação Educacional Multimédia e o doutoramento em Ciências Sociais – antropologia, com a tese *Colá S. Jon – Imagens, palavras ditas e escritas de um processo ritual e social*. Atualmente,

os projetos *Imagens e sonoridades das migrações* e *Interculturalidade Afro-Atlântica*⁵ são sínteses do percurso realizado e da inserção em trabalhos de campo em África (Angola e Cabo Verde), na América Latina (Brasil) e na Europa.

2 - Como teve início sua carreira acadêmica, bem como sua inserção na EAD, na Universidade Aberta de Portugal?

A partir de 1991, meu percurso acadêmico faz-se na Universidade Aberta de Portugal, que tinha sido criada em 1988 (comemoramos este ano os 25 anos da Universidade). Primeiro como estudante de Mestrado em Comunicação Educacional Multimédia com a dissertação *Antropologia visual, da minúcia do olhar ao olhar distanciado*

(publicado), primeira dissertação de mestrado da Universidade, terminada em 1993 e, posteriormente, como doutorando em Ciências Sociais – Antropologia Visual *Colá S. Jon – Imagens, palavras ditas e escritas de um processo ritual e social* (publicado), terminado em 1998. Em simultâneo, comecei minha atividade docente como professor do mestrado em Relações Interculturais, do curso de graduação em Ciências Sociais e do doutoramento em Antropologia Visual e de investigador do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais-responsável do Laboratório de Antropologia Visual, criado em 1998.

Os desafios na Universidade Aberta no modelo EAD (2ª geração) foram os comuns das práticas Universitárias – investigação, ensino e extensão

universitária, e os específicos da produção de materiais de e para ensino a distância, em suportes diversos: manuais, videogramas e audiogramas. Neste âmbito, publiquei o manual de *Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia*, obra usada em alguns cursos no Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo), participando na produção de materiais em suporte áudio e vídeo. A produção audiovisual para ensino tem sobretudo duas tendências – produção audiovisual de exploração ou de investigação / observação e apresentação dos resultados e de exposição ou explanação que, na forma mais simples, constitui o que poderemos denominar de vídeo aula ou conferência ilustrada. Estes desafios específicos atualizavam as práticas desenvolvidas no curso de cinema e vídeo que frequentei e conclui nos finais de 1980 na Escola Superior

Artística do Porto, na dissertação de mestrado e na tese de doutoramento. Este tema foi objeto de publicação recente *O audiovisual no ensino em ambientes virtuais: dos videogramas à cultura participativa* na REVEDUC - Revista Eletrônica de Educação - da Universidade Federal de São Carlos.

3 - Que rumos tomou sua carreira acadêmica no cenário do Ensino Superior na Europa, na Universidade Aberta de Portugal?

Em finais de 1990 e início dos anos 2000 as universidades europeias atravessaram um período de profundas mudanças decorrentes do *Processo de Bolonha*. O Processo de Bolonha inicia-se em 1998, com a *Declaração de Sorbonne*, subscrita pelos Ministros da Educação da Alemanha, França, Itália e Reino Unido, em que se

visualiza já a constituição de um Espaço Europeu de Ensino Superior. No ano seguinte, em 1999, os Ministros da Educação de 29 Estados Europeus subscreveram a Declaração de Bolonha que tinha como objetivo criar, até 2010, o Espaço Europeu de Ensino Superior, coerente, compatível, competitivo e atrativo para estudantes europeus e de países terceiros. Em 2001, em Praga, é reconhecida, pelos 33 países participantes, a importância e a necessidade de mais três linhas de ação para o evoluir do processo: promoção da aprendizagem ao longo da vida; maior envolvimento dos estudantes na gestão das instituições de Ensino Superior; promoção da atratividade do Espaço Europeu do Ensino Superior. A primeira avaliação do processo de construção do Espaço Europeu do Ensino Superior surge em 2003, em Berlim, e estabelecem-

se como objetivos intermediários: a certificação de qualidade, o sistema de três ciclos de ensino, o reconhecimento de graus e períodos de estudo. Considerou-se, posteriormente, que o *Processo de Bolonha* representava um desafio tão importante como os que estão definidos na Estratégia de Lisboa e que visam para a Europa perfis próprios de um *espaço econômico mais dinâmico e competitivo do mundo baseado no conhecimento e capaz de garantir um crescimento econômico sustentável, com mais e melhores empregos e com maior coesão social*. Foi, pois, neste contexto profundamente marcado por uma sociedade em crise (desemprego e fragmentação social), pela situação econômica extraordinariamente competitiva e em acelerada mudança e pelo reconhecimento da ciência e da tecnologia (da informação, do

conhecimento e da aprendizagem ao longo da vida), como motores de crescimento econômico e fatores potenciadores e facilitadores de empregabilidade, que a Universidade Aberta e o ensino Superior em Portugal tiveram de definir novas estratégias, promovendo um ensino tão marcante e atrativo para a Europa e para o mundo, como a matriz cultural em que o mesmo está ancorado.

Esta reforma do ensino superior foi institucionalmente considerada em Portugal “como oportunidade única” para a realização de quatro grandes metas: “incentivar o ensino superior, melhorar a qualidade e a relevância das formações oferecidas, fomentar a mobilidade de estudantes e diplomados, internacionalização das formações” (DL nº74/2006).

As reformas que se previam ao abrigo do Processo de Bolonha, deveriam incluir os estudantes e provenientes não apenas das formas tradicionais de acesso ao ensino superior, mas também a estudantes que trouxessem experiências profissionais de valor reconhecido. Esta medida, não sendo radicalmente nova, tinha particular interesse para as áreas de formação em que atuei – antropologia visual, antropologia digital (dinâmicas sociais e culturais na era digital), empreendedorismo, cultura de desenvolvimento local. Propunham também o aprofundamento da investigação e uma formação de qualidade, que permitisse aos estudantes realizar seus projetos pessoais e profissionais e inserir-se de forma criativa e ativa nas dinâmicas das sociedades contemporâneas, marcadas por

acelerados processos de mudança social, cultural e tecnológica. Tratou-se, pois, da possibilidade de uma segunda abertura do ensino superior à sociedade: a de considerar a Universidade e suas tradicionais funções de investigação e formação como força dinâmica de transformação social e cultural e de inovação baseada no conhecimento e na criatividade. Associam-se a esta ideia os conceitos de empregabilidade e de desenvolvimento de competências.

Neste sentido, a legislação que institui em Portugal o processo de Bolonha, decreto-lei 74/2006, refere que se tornou necessário a “transição de um sistema de ensino baseado na ideia da transmissão de conhecimentos para um sistema baseado no desenvolvimento de competências”. É reconhecida como questão central no Processo

de Bolonha “a mudança de paradigma de ensino de um modelo passivo, baseado na aquisição de conhecimentos, para um modelo baseado no desenvolvimento de competências, onde se incluem quer as de natureza genérica – instrumentais, interpessoais e sistêmicas – quer as de natureza específica associadas à área de formação, e onde a componente experimental e de projeto desempenham um papel importante”. Considera ainda que o modelo de ensino baseado na transmissão – aquisição de conhecimentos é “questão crítica central em toda a Europa, com particular expressão em Portugal”. Se corretamente identificado o problema, talvez seja nesta transição ou transformação que poderemos identificar a natureza da mudança e perspetivar o desenvolvimento de “boas práticas”.

4 - De que maneira ocorreu a sua inserção no ensino a distância e on-line?

Uma outra mudança se tornou inadiável na Universidade Aberta – a passagem do sistema de EAD para o ensino on-line. Como acima referi, a Universidade Aberta de Portugal foi criada em 1988, sintonizada com a experiência de outras universidades europeias, OU - Open University, UNED - Universidad Nacional de Educación a Distancia e na sequência das experiências desenvolvidas em Por-

tugal, no âmbito do IPED - Instituto Português de Ensino a Distância. Entre 1989 a 2006, a Universidade Aberta, tal como outras Universidades de Educação a Distância, funcionou segundo um modelo pedagógico de autoaprendizagem.

“O estudante, anteriormente isolado na situação autoaprendizagem, passou a poder participar num processo de aprendizagem em grupo e em comunidade e a poder fazer parte de uma ‘turma virtual’.”

Com o aparecimento das comunicações digitais, da Internet e da web 2, tornaram-se possíveis novas formas de comunicação e, conseqüentemente, novos modelos de ensino/aprendizagem. Tornam-se assim realizáveis formas diversificadas de interação: a interação professor-estudante,

a interação estudante conteúdos e a interação estudante-estudante. O estudante, anteriormente isolado na situação autoaprendizagem, passou a poder participar num processo de aprendizagem em grupo e em comunidade e a poder fazer parte de uma “turma virtual”. Embora não se abandonasse o recurso à autoaprendizagem individual, abriu-se a possibilidade da aprendizagem colaborativa. Este paradigma emergente reconfigura quer o processo de aprendizagem e de comunicação, quer os papéis do professor e do aluno e o estatuto do saber. Estudantes e Professores interagem num ambiente *on-line* de aprendizagem suportado por *software* especificamente desenhado para objetivos educativos, tipicamente conhecidos como “Plataformas de E-Learning”, mas também com utilização intensiva de outros recursos da rede como, por exem-

plo, *Blogs, Videoblogs, Webdoc, Wikis, e-Portfólios, Bases de dados, Revistas digitais, etc.* As atividades são variadas: exercícios e pequenos testes ou projetos, ensaios, resolução de problemas, estudos de caso, participação em discussões, relatórios, testes. Em 2006, a Universidade Aberta criou o *Modelo Pedagógico Virtual para a Universidade Aberta* e concretiza um programa de formação dos docentes da Universidade, com vista à apropriação das novas metodologias de trabalho pedagógico.

5 - Conte-nos sobre a produção de filmes etnográficos no ensino da antropologia em ambientes virtuais

No ensino da antropologia e na antropologia visual online identificamos dificuldades específicas, reconhecidas por

muitos autores e Universidades: a necessidade de os estudantes terem experiência do mundo real, maturidade necessária para a reflexão teórica e experiência de alteridade, isto é, cosmopolitismo, conhecimento e reconhecimento do outro, de modo a estabelecer a comparabilidade e colocar em causa o etnocentrismo e hegemonia cultural. Estas dificuldades apresentam-se bem mais difíceis de resolver que as dimensões técnica e teórica da formação nestas Unidades Curriculares. Identificamos três vias simultâneas na resolução destas dificuldades. Primeiro, procuramos criar formas de proximidade em relação ao terreno, isto é, tentamos proporcionar aos estudantes um ensino experiencial, resultante de uma aproximação entre investigação e ensino, manifesto sobretudo na ideia de observação diferida, de interpretação e resolução de

problemas. A observação diferida, conseguida pela mediação dos filmes etnográficos produzidos no âmbito do Laboratório de antropologia visual, dos grupos de investigação parceiros (CEDIPP e LISA – Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP, AVAL – Laboratório de Antropologia Visual de Alagoas – UFAL, Ao NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual) ou disponíveis nas plataformas digitais mais populares – *Youtube*, *Vimeo*. A segunda via, através do desenvolvimento de formas de aprendizagem colaborativa – as comunidades de prática poderão ter, neste contexto, um particular interesse no desenvolvimento de uma aprendizagem colaborativa, utilizando das tecnologias digitais com suas extraordinárias potencialidades de comunicação, de reconfiguração do espaço-

tempo e de novas linguagens (ou de estabelecer novas ligações entre elementos constitutivos das linguagens), de tratar maior quantidade de informação e de recolha, armazenamento e tratamento de informação, de “convergência cultural”. Estes constituem instrumentação indispensável para esta mudança. Finalmente, um dos objetivos foi de confrontar a diversidade de estudantes com a diversidade cultural mediada por filmes e textos, colocando-os perante o que Michael Fischer chama de “pontos críticos locais exasperantes, apaixonados e conflituosos do enfrentamento cultural” como o testemunho do enfrentamento cultural no final dos anos 1968 e 69 entre os imigrantes portugueses provenientes de zonas rurais e agora habitantes da periferia de Paris (*bidonvilles*), com os

movimentos operários e estudantis do Maio de 1968, no filme *Le drôle Mai, Chronique des années de boue* (2008), de José Vieira e com os textos de Geertz, Lévi-Strauss, que exploram a relação de conflito ou confronto entre culturas.

Pretendeu-se trabalhar com os estudantes uma antropologia das sociedades contemporâneas, antropologia visual, antropologia digital (dinâmicas sociais e culturais na era digital,) com o objetivo de reflexão crítica e compreensão das reconfigurações da sociedade e a cultura na era digital, sem no entanto rejeitar a história e a tradição antropológicas, bem como a adaptação dos métodos a estas novas reconfigurações – antropologia partilhada, métodos sensoriais, utilização sistemática das tecnologias digitais escritas

visuais e sonoras e de recursos abertos de formação. Será fastidioso enumerar a panóplia de meios e estratégias utilizados na concepção e design das Unidades Curriculares e no pormenor da sua concretização pedagógica.

Paralelamente à estruturação das Unidades Curriculares, segundo o modelo da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES), criou-se um espaço mais informal de ancoragem de informação relevante e de interação, de modo a apoiar os interesses dos estudantes, dos investigadores e dos tutores envolvidos no ensino da Antropologia (Unidades Curriculares referidas anteriormente) – CEMRI – Antropologia Visual⁶, no Facebook.

Trata-se de uma rede social não planeada e estruturada para o ensino, mas de um espaço aberto à participação livre não apenas dos estudantes, investigadores e tutores, mas de todos os que desejam aceder e participar. O espaço, com 300 participantes, em fevereiro de 2013, tornou-se relevante para os estudantes, na medida em que encontraram informação aberta que permitiu fundamentar escolhas, encontrar informação para a realização dos trabalhos académicos, manifestar seus gostos pessoais pelas temáticas e ligações afetivas ou preferenciais. Esta experiência de utilização das redes sociais como “escola paralela” é uma prática desenvolvida no último ano de que atualmente estamos a avaliar seu impacto nos estudantes e nos utilizadores

mais frequentes. Certo porém que trouxe para a UC de Antropologia Visual um aumento substancial de interessados (a procura da UC quadruplicou do ano letivo de 2011/12 para 2012/13), cujas motivações estamos a investigar.

6 - Que investigações desenvolve no Laboratório de Antropologia Visual, tendo em vista que é integrado ao CEMRI?

O trabalho de investigação que realizo na Universidade Aberta integra-se desde 1998 no Laboratório de Antropologia Visual, criado nesse mesmo ano e integrado no CEMRI. A proposta de criação do laboratório de Antropologia Visual teve como fundamento a ideia de que o trabalho no âmbito desta disciplina não é essencialmente um processo de mediação de um discurso

científico previamente elaborado, mas um processo de investigação com a imagem (fotográfica e cinematográfica) e sobre a imagem (pictórica, gráfica, fotográfica, cinematográfica, etc.). No primeiro caso, a Antropologia Visual constitui-se como metodologia de pesquisa de campo (terreno) na Antropologia, nas Ciências Sociais em geral, com implicações epistemológicas, éticas e pragmáticas específicas que acompanham todo o projeto de investigação do terreno ao filme e ao texto. Ou seja, é também a construção de uma linguagem e um processo de comunicação específicos com o público, inseparável da escrita e de processos de recepção e de construção de saber a partir do filme e dispositivos escritos complementares. No segundo caso, a investigação sobre as imagens decorre do processo de recepção e análise e tem como

referente não só a cultura observada/representada, mas também a cultura observante (processo e modo de representação). Ou seja, o assunto estudado com o qual mantém uma relação indicial e o processo de construção das imagens remetendo para a dimensão icônica das imagens e para os processos de construção do olhar. Neste sentido, as imagens a estudar não são apenas as produzidas no processo de investigação, mas também a imensa quantidade de arquivos pessoais e institucionais (álbuns de família, fotografias de viagens, fotografias de guerra, fotografias de prisão, arquivos coloniais, espólios científicos, ex-votos, etc.).

Considerava-se então que a Universidade Aberta, pioneira na abordagem da antropologia visual, organizadora da – Symposium Visual Anthropology 6 e 7 setembro

de 1990 do Inter-congress The social roles of anthropology, reunia as condições favoráveis para o desenvolvimento de um trabalho sistemático nesta matéria. Desenvolve investigação no terreno através do CEMRI; tem um acervo de imagens históricas que poderiam constituir um primeiro passo no estudo das imagens de arquivo; uma poderosa estrutura de produção audiovisual e multimídia (ICM) e formação avançada no domínio da Comunicação Multimídia (MCEM); estruturas descentralizadas que permitem o desenvolvimento de projetos apoiados em, pelo menos, 3 regiões (delegações); relações com os países Africanos de Língua Portuguesa; professores e investigadores que iniciaram este processo de investigação com a imagem e sobre a imagem; e uma

rede de contactos e colaborações já estabelecida que poderá permitir a troca científica e de experiências desenvolvidas por esses parceiros.

O Laboratório poderia assim contribuir, através da produção teórica e audiovisual nele desenvolvida, para a formação avançada neste domínio e/ou para a futura criação de uma pós-graduação em Antropologia Visual na Universidade Aberta. Formar professores e investigadores em Ciências Sociais, jornalistas e animadores sociais e culturais, documentaristas; dar respostas a algumas das solicitações decorrentes da especificidade da produção audiovisual no domínio da Antropologia Visual, da Antropologia e de outras Ciências Sociais tendo em vista a recém-criada licenciatura em Ciências

Sociais e os Mestrados para ensino à Distância (ou mistos); realizar documentários no âmbito de projetos para que o CEMRI tem sido solicitado “Novos Europeus”, “Diálogo África-Europa”, Multicultural; contribuir para o estudo dos arquivos das imagens históricas (gráficas, fotográficas, cinemáticas); contribuir para o enriquecimento e organização dos arquivos de imagem da Universidade Aberta com as imagens resultantes dos projetos de investigação desenvolvidos no Laboratório; estabelecer parcerias com outras instituições nacionais e internacionais vocacionadas para os mesmos objetivos.

Atualmente o Laboratório de Antropologia Visual mantém-se como grupo de Investigação em Antropologia Visual. É uma área de Investigação / grupo de Investigação

do CEMRI que tem como objetivos: promover a utilização das tecnologias informáticas, do som e da imagem na pesquisa em Ciências Sociais (e em Arte e Comunicação) e a sua fundamentação teórica, metodológica, ética e política; formar e motivar para a realização de produtos audiovisuais, multimídia e hipermídia, concebidos e/ou realizados por investigadores em Ciências Sociais; criar um enquadramento de pesquisa para investigadores externos, nomeadamente dos países de expressão portuguesa e dos países onde residem portugueses; desenvolver redes de cooperação nacional e internacional; promover formação teórica e tecnológica dos investigadores envolvidos nos projetos de investigação e formação contínua e ao longo da vida; explorar e fundamentar novos terrenos e novas práticas de

investigação e ensino (presencial e à distância); desenvolver atividades de consultoria, aconselhamento, criação cultural, divulgação científica e serviço à comunidade.

A integração desta área no Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais é dupla: 1) pela metodologia utilizada – produção científica tecnologicamente mediada (visual, sonora, audiovisual, hipermídia, base de dados...) e sua fundamentação teórica, metodológica, epistemológica, ética e política; 2) pela abordagem de temáticas transversais às Migrações e às Relações Interculturais, no âmbito das quais se desenvolvem projetos de investigação, produção científica, criação cultural, formação e serviço à comunidade. Atualmente são três as temáticas transversais em desenvolvimento no Laboratório de Antropologia Visual:

imagens, vozes e sonoridades das migrações; interculturalidade e mediação tecnológica; imagens, cultura e desenvolvimento local, além da metodologia específica: metodologias sensoriais – metodologia, tecnologia e epistemologia das imagens e da cultura visual e sonora.

O laboratório de Antropologia Visual disponibiliza um programa de formação de professores – Cinema na Escola, visando à integração do cinema na componente curricular de todos os níveis de ensino. O programa é constituído por quatro módulos: escrita para os media, orientado para professores de português e línguas estrangeiras; arte e tecnologia, para professores desta área; cinema e ciência, para professores de ciências (incluindo as sociais e humanas e a filosofia); cinema e território (cinema e desenvolvimento local),

para professores de Geografia, economia e disciplinas afins.

A cooperação internacional desenvolveu-se sobretudo a partir do ano 2000, primeiro com o Brasil, decorrente de um encontro casual com investigadores do Núcleo de Pesquisas em Hipermídia (NuPH) no VI congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais, realizado no Porto. O encontro foi proporcionado pelo Doutor Manzambi vuvu Fernando, Antropólogo e atual Diretor Nacional de Museus de Angola. Posteriormente, a cooperação internacional desenvolveu-se no âmbito do programa ERASMUS – programa de apoio interuniversitário de mobilidade de estudantes e docentes do Ensino Superior entre estados membros da União Europeia e estados associados, com a Universidade de Múrcia e a Universidade de

Savoie. Estes dois núcleos de cooperação desenvolvem ainda atividades de cooperação científica e de mobilidade de estudantes e docentes. A cooperação com o Brasil foi mediada pelo professor doutor Sérgio Bairon. Primeiro com a Universidade Presbiteriana Mackenzie – Programa de Educação, Arte e História da Cultura e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – Pós-graduação em comunicação e atualmente com a Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação Artes e Faculdade de Letras e Ciências Humanas.

O primeiro projeto desenvolvido conjuntamente pelo Laboratório de Antropologia Visual do CEMRI – Universidade Aberta em Portugal e o NuPH da PUC-SP no Brasil situou-se na confluência de três eixos do desenvolvimento das

Ciências Sociais e da Antropologia em particular: da utilização das tecnologias digitais (novos media) na pesquisa qualitativa; dos métodos da antropologia visual (visuais e sonoros) e multimídia/hipermídia na etnografia (método etnográfico) e na antropologia; e das consequências resultantes da introdução de novos paradigmas e novas tecnologias da representação – turbulências na tradição acadêmica, exigências resultantes de uma emergente sociedade do conhecimento, interesse do mercado pelos produtos culturais. Propôs-se explorar, na era da transformação digital, as potencialidades e oportunidades das tecnologias digitais na sua forma escrita, visual, sonora, audiovisual e hipermídia, na investigação e na comunicação científica entre investigadores, para públicos mais alargados e no ensino. No âmbito

deste projeto, desenvolveram-se intensas trocas de informação científica, formação avançada em Antropologia Visual e Hipermídia com investigadores participantes – Doutorandos em Antropologia Visual e Comunicação. Foi também publicado o livro *Antropologia visual e Hipermídia* (2007) e o Hipermídia com o mesmo título. Na continuidade do projeto realizaram-se vários Hipermédias e cerca de vinte filmes⁷ sobre rituais de cultura negra ou de origem africana, *Candomblé*, *Congado*, *Moçambiques* no Brasil, *Pallo monte* em Cuba, *Lhamadas* em Montevideo. Este projeto tem atualmente novos

⁷ Os filmes estão disponíveis no canal Youtube CEDIPP – ECA/USP - BR & LABAV - UN.ABERTA - PT e no Portal Lugar do Real. Enumeramos alguns em Referências.

desenvolvimentos na cooperação com o CEDIPP, USP/ECA.

Da cooperação internacional surgiu o Seminário Internacional Imagens da Cultura / Cultura das Imagens e uma rede de cooperação entre grupos de investigação de universidades europeias e brasileiras. O IX Seminário Internacional Imagens da Cultura / Cultura das Imagens realizar-se-á em 2013, na ECA-USP.

O Laboratório de Antropologia Visual organiza ainda com outras instituições acadêmicas ou associações da sociedade civil a *Conferência Internacional Variantes curriculares do ensino on-line; Conferência internacional de cinema de Viana do Castelo*, em colaboração com a Ao Norte - Associação de Produção e Animação Audiovisual, com

a participação e colaboração de universidades brasileiras e espanholas, o Workshop *Antropologia e Cinema* integrado na Conferência Internacional Cinema – Arte, Tecnologia, Comunicação *Avança* – Portugal.

7 - Quais são suas perspectivas futuras, no tocante a produções, projetos e publicações?

O primeiro pensamento quando a Ana Di Grado me pergunta – que perspectivas futuras, vai para Bernardo Soares “não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal”. Se o tomarem que seja este espaço criado em torno da língua da nossa

expressão e de nossos afetos. O segundo é o valor desta pátria alargada que é a lusofonia – espaço e culturas diferenciadas, unidos por uma história comum e muitos processos de resistência, expressos numa mesma língua com saberes, sabores, formas e sonoridades diversas. Steve Bloomfield dizia recentemente na Revista Monocle que “Alguns portugueses ainda não se aperceberam do poder potencial das ligações entre países da comunidade lusófona” e “A maior parte das pessoas não sabe que esta comunidade (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP) existe, mas isso não é necessariamente um problema. Não interessa que dentro de dez anos as pessoas continuem sem saber o que é a CPLP, desde que esses países estejam a trabalhar em conjunto

e que a comunidade lusófona seja considerada importante. Da cultura à política, dos negócios à arquitetura e à universidade, as possibilidades de partilha são imensas. O maior potencial está na população, nos 250 milhões de falantes de português dispersos por países que vão muito para lá dos oito estados-membros da CPLP". A experiência vivida em quinze anos de cooperação com o Brasil, dois com Angola e as passagens esporádicas por Cabo Verde, bem como a literatura, a poesia, o ensaio e a música criaram um intenso sentimento de pertença. Aí criei amigos, alguns amores, companheiros de trabalho e um intenso contacto com as culturas locais. Talvez seja essa a condição para, no dizer de Steve Bloomfield, trabalharmos em conjunto e

empreendermos o que denomina como "fascinante e incrivelmente ambicioso". Parece pois importante criar redes sustentáveis de formação profissional, politécnica e universitária, programas semelhantes aos desenvolvidos na União Europeia, como o ERASMUS ou o LEONARDO, a mobilidade de estudantes e de docentes, a promoção de modelos de Transferência de Conhecimento entre Laboratórios e Centros de Investigação que conduzam ao desenvolvimento de "clusters" nacionais e locais e à capacitação das instituições de ensino nos diversos países de língua portuguesa.

Parece pois possível e necessário criar cursos conjuntos em Ensino à distância que integrem universidades dos países

lusófonos, partilhar a investigação, disseminar a produção científica na língua portuguesa. Planeio com o professor Sérgio Bairon, da ECA-USP, atividades de investigação e ensino que promovam a partilha intensa deste longo percurso de quase década e meia e com muitos outros colegas com quem mantenho relação de amizade, de franca camaradagem e de cooperação universitária com as universidades acima referidas – a Universidade Presbiteriana Mackenzie, a PUC-SP, o Instituto Universitário SENAC, a Universidade Estadual do Ceará, a Universidade Federal de Alagoas, a Universidade Católica D. Bosco. Mas também alguns Laboratórios, Centros e Grupos de Investigação e, sobretudo, as redes em que me integrei e onde me integraram – ICCI – Imagens da Cultura / Cultura

ENTREVISTA

com
Lucila Pesce

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

das Imagens, REGIET e as revistas científicas com que colaboro – *Illuminuras* da UFRGS, *Signos do Consumo* da ECA-USP, *Revista Contemporaneidade, Educação, Tecnologia* do REGIET.

Espero, pois, trabalho profícuo para os próximos anos, para a próxima década, e resultados assinaláveis na construção de um espaço aberto de reflexão científica e construção do conhecimento em língua portuguesa. ■

Porto, 20 de fevereiro de 2013.

Referências

CONGADA Nossa Senhora do Rosário, Jequitibá, Minas Gerais. Realização de José da Silva Ribeiro e Sérgio Bairon. Porto: CEMRI – Laboratório de antropologia Visual, Universidade Aberta, 2005. DVD (61 min), MP3, son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4-w6tEWhQyk>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

CONGO EM CUBA: regra de Palo Monte. Realização de José da Silva Ribeiro e Sérgio Bairon. Porto: CEMRI – Laboratório de antropologia Visual, Universidade Aberta, 2006. DVD (58 min), MP3, son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=lyTDPkK8Cac>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

FREI CHICO: “Quando acaba a Comunidade nenhuma cultura sobrevive”. Realização de José da Silva Ribeiro e Sérgio Bairon. Porto e São Paulo: 2007. DVD (33 min), MP3, son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=TDBkagSUx0M>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

MOÇAMBIQUE GUARDA A COROA! Coroação de Reis Congo. Realização de José da Silva Ribeiro e Sérgio Bairon. Porto e São Paulo: Pesquisa (Inter) Culturalidade Afro-Atlântica, FAPESP, FCT, 2007. DVD (25 min), MP3, son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4j1OjdrHoiE>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

REI CONGO do Estado de Minas Gerais - José Geraldo Alves (in memoriam). Realização de José da Silva Ribeiro e Sérgio Bairon. Porto: CEMRI –

ENTREVISTA

com
Lucila Pesce

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

Laboratório de antropologia Visual, Universidade Aberta, 2006. DVD (21 min), MP3, son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2aH4bLRd2pA>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

TÁ CAINDO FULÔ... Tambús de Candombe da Comunidade do Açude. Realização de José da Silva Ribeiro e Sérgio Bairon. Porto e São Paulo: 2007. DVD (55 min), MP3, son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=rF6jcsNZ8U>>. Acesso em: 5 jul. 2013.